

APRESENTAÇÃO

A oficina de trabalho de um escritor é sempre um espaço de diferentes materiais de escrita que se cruzam ou se ocultam nas obras que vêm a público. Nem sempre há um escritório, por vezes há somente uma arca, apenas folhas ou, contemporaneamente, apenas a memória do computador. Seja como for, os escritores que partem deixam muitas vezes trilhas importantes de seu trabalho espalhadas em espólios, em cartas, que se transformam em objeto de investigação, permitindo que possam ser também conhecidas outras facetas de produção. Por isso, neste número 24 da revista *Texto Poético*, organizamos um dossiê com artigos que buscam pensar determinadas relações com a escrita a permitir novas perspectivas críticas, diferentes abordagens e inesperados diálogos por outras vias de acesso ao trabalho poético.

Com sete artigos que tratam da poesia do século XVI, XVIII e século XX, diferentes questões são abordadas. Marcia Arruda Franco examina a correspondência entre dois poetas clássicos renomados, como António Ferreira e Francisco de Sá de Miranda. A ensaísta “pretende resgatar, por meio da análise da dialogia implícita na troca de cartas, mimese da arte da conversação, a correspondência elegíaca entre António Ferreira e Francisco de Sá de Miranda, de 1553, a respeito da morte do primogênito Gonçalo Mendes de Sá, em cruzada tardia contra o Marrocos, na batalha do Monte de Condessa, onde foi dizimada a fina flor da aristocracia ibérica.” Francisco Topa discute um aspecto lúdico da poética setecentista ao examinar um poema manuscrito, um enigma, dirigido ao poeta José Basílio da Gama, um dos mais conhecidos poetas árcades do Brasil. “O texto, manuscrito, encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, constituindo o n.º 28 dos Avulsos 3 de uma coleção intitulada Papéis do Brasil.” A análise, ao longo do artigo, tenta decifrar os enigmas propostos, mas não se sabe por que foi dirigido ao poeta brasileiro e tampouco sua autoria. Karla Renata Mendes, já no século XX, examina as relações entre Cecília Meireles e o jornal português *O Diabo*, criado em junho de 1934 e fechado pela censura em 1940, no qual a poeta brasileira encontrou espaço de acolhimento, mantendo “o nome de Cecília, bem como seus poemas,

em circulação, contribuindo para alavancar o êxito do lançamento de seu livro e constituindo-se como uma verdadeira ação de marketing em prol da escritora brasileira.” Ao pesquisar a presença da poeta brasileira em Portugal, sobretudo examinando a importância dos periódicos para divulgação e circulação de escritores, o artigo investiga as redes literárias que cercaram a escritora e dá informações interessantes para pensar sua recepção em Portugal, enquanto ainda não é possível examinar seu espólio literário fechado aos pesquisadores. Por sua vez, Clovis Carvalho Britto discute a constituição e simbolização do museu-casa de Cora Coralina, na medida em que considera que os museus literários estabelecem determinadas narrativas à volta de escritores, constituindo uma “provocação metapoética”. Já Stélio Furlan apresenta, a partir do acervo da obra de Mario Dionísio, um dos mais importantes pensadores neorrealistas, aspectos de sua obra poética e reflexiva, sobretudo a publicação *Autobiografia*, destacando ainda a correspondência que manteve com o escritor baiano, Jorge Amado. Milena K. S. Wanderley e Kelcilene Grácia-Rodrigues estudam o último livro da poeta sempre instigante Hilda Hilst, *Estar sendo. Ter sido*. Sobre essa obra da poeta brasileira, as autoras do artigo discutem sua arquitetura dialógica que se abre para o heterogêneo. O dossiê fecha com estudo de Manaína Aires Athayde, pesquisadora da obra beliana, o qual mostra a constituição do espólio desse poeta imenso que é Ruy Belo. Como escreveu em seu resumo: “Nos últimos anos, dedicamo-nos a explorar o espólio de Ruy Belo, tentando entender determinados aspectos do seu processo criativo e dos seus mecanismos de autoconsciência da escrita. Alguns desses percursos apresentamos agora neste ensaio, que além de descrever as configurações do espólio deste poeta e apresentar uma visão panorâmica da sua documentação genética, também se preocupa em discutir o conceito de arquivo.”

Mas, para além do dossiê, são publicados ainda artigos que tratam, respectivamente, do verso decassílabo, da poesia de Joseph von Eichendorff, um dos mais importantes poetas do romantismo alemão, de Murilo Mendes e de Ferreira Gullar, que dispensam apresentações mínimas. No último texto dessa seção *Vária*, “Lusitânia, corpo e voz de uma imagem”, Maria da Graça Gomes de Pina apresenta um estudo sobre a simbologia do espaço insular

na obra - poema dramático - de Natália Correia, *Comunicação* (1959), cujo subtítulo por si só indica um trajeto de imaginário: “Comunicação em que se dá notícia / duma cidade chamada vulgarmente // Lusitânia / através de alguns fragmentos / dos Oxyrhyncus Papyri / interpretados pela autora / que desejando julgar o seu / tempo ousou ler no passado / a signa do presente”. A articulista deseja “portanto, ler *Comunicação* como metáfora ou parábola do ato de significar por meio da palavra poética, e faço-o porque a estrutura deste poema dramático, apresentado sob a forma de um auto-de-fé em rima, se presta a ser interpretado precisamente como dialética entre ilha e continente.” Auto-de-fé que foi censurado, no Portugal salazarista, pela Direção dos Serviços de Censura, em despacho de 06 de outubro de 1959.

Neste número, o leitor encontrará ainda a tradução de um estudo de Erich Heller, *A ventura da poesia moderna* (1959), uma tradução didática, feita por Thales Rodrigo e o poeta goiano de vasta obra, Heleno Godoy. A tradução, de grande cuidado e com notas copiosas, chama nossa atenção para o escritor alemão e sua reflexão sobre poesia. Encerramos o número com uma entrevista de Masé Lemos a Manuel de Freitas, poeta português que, desde o início dos anos 2000, tem se tornado uma voz incontornável da produção lírica portuguesa contemporânea. O poeta, ao responder as questões da ensaísta e poeta brasileira, demonstra um determinado modo crítico de compreender o gesto poético, seus trajetos de produção e valorização.

Enfim, esperamos que esta reunião de estudos enfocando diferentes poetas e questões possa contribuir para pensar e repensar a importância dos materiais literários e seus sentidos de produção, circulação e interpretação crítica.

*Ida Alves**

*Rosa Maria Martelo***

(Organizadoras de Dossiê)

* Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: idafalves@gmail.com

** Professora da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
E-mail: rmartelo@letras.up.pt